

## O DESPERTAR

Bob Welch

Eu estava sentado em uma antiga banheira cheia de mofo quando meu filho de 13 anos me perguntou:

- Qualquer dia você pode me levar para jogar golfe?

Eu tinha um banheiro para reformar, era outono e a previsão do tempo para aquela semana era de 100% de chuva no Oregon.

Minha vontade era de dizer não, mas respondi:

- Claro, em que você está pensando?

- Bem, talvez você pudesse pegar Jared e eu depois da aula, na sexta-feira, e nos levar para o campo de Oakway.

- Parece legal - respondi.

A sexta-feira chegou. As chuvas continuaram. Ficar em casa e reformar a banheira parecia a coisa mais sensata a fazer.

Mas, na hora combinada, tirei as roupas de pedreiro, vesti uma capa de chuva e coloquei os tacos dos meninos no porta-malas do carro.

Em frente à escola, Ryan e Jared entraram no carro. Ryan olhou-me perplexo.

- Por que você está usando chapéu de golfe, pai?

Pareceu-me uma pergunta tola, como perguntar a um mergulhador por que usava nadadeiras.

- Bem, pensei que fôssemos jogar golfe.

Houve uma pausa, como quando cai a linha do telefone.

- Mas você vai também?!

De repente, parecia que tinha levado uma pancada: não tinha sido convidado.

Treze anos de cuidados paternos passaram em segundos diante de meus olhos: o nascimento, as fraldas, as mamadeiras no meio da madrugada, as construções de castelos, as idas a jogos e acampamentos e tudo o que fizemos juntos - meu filho e eu.

Agora, eu não fora convidado. Era isso. Parecia o fim de nosso relacionamento habitual. Era como um "Adeus, meu velho, obrigado pelas lembranças. Mas já sou crescido o suficiente para dar as minhas próprias tacadas. Volte para a sua cadeira de balanço e para suas palavras cruzadas e - é claro - aqui está um cupom de desconto para o próximo frasco de vitaminas para a terceira idade".

Todas essas lembranças passaram em dois segundos por minha mente, e, agora, sobravam apenas três segundos para eu encontrar uma desculpa, dando a entender que não pretendia ir com eles.

Tinha que dizer algo. Minha vontade era falar o seguinte: Como pôde fazer isso comigo? Deixar-me de lado como um objeto que não quer mal? Nós sempre fomos unidos, e, para mim, isso era abandono.

Era um abuso. Já tinha lido e ouvido falar de coisas desse tipo.

Em 1805, Lewis virou-se para Clark e disse:

- Posso chegar até o Oregon sem você.

John Glenn passou uma mensagem de rádio à sala de controle da Missão para dizer:

- Obrigado, não preciso mais de vocês. A partir de agora, me viro sozinho.

Simon livrou-se de Garfunkel no auge do sucesso da canção "Bridge over Troubled Water" [Ponte sobre águas agitadas].

Por que as coisas não podiam ser do mesmo jeito? Eu não conseguia evitar esses pensamentos. Precisava expressar-lhe que eu estava magoado, tinha que demonstrar meus sentimentos. Reuni toda a coragem que consegui e, como uma bala, disparei tudo o que se passava em minha alma. Eu disse:

- Eu? Jogar? Imagine, você sabe que estou até o pescoço de serviço!

Dirigi em silêncio por alguns instantes, até que perguntei:

- Como você planeja pagar pelo jogo? - meu ego estava ferido, e eu o fuzilava com os olhos.

- Bem, poderia me emprestar sete dólares?

Ah, entendi. Ele não me quer, mas fica feliz em levar meu dinheiro.

- Tudo bem - respondi.

Eu os deixei no campo, desejei-lhe boa diversão e fui para casa. Meu filho estava por sua própria conta agora. Ninguém lhe ensinaria como fazer as melhores jogadas. E se caíssem raios ali?

E a hipotermia? E se fosse atropelado por um carrinho de golfe?

E quanto ao bando de jogadores competitivos que praticavam ali? Ele é tão pequeno, quem cuidará dele?

Eu dirigia sozinho para casa. Não era apenas um momento a sós, era para sempre. O laço se romperá, a vida nunca mais será a mesma.

Entrei em casa, e minha esposa perguntou:

- O que você está fazendo aqui?

Sentia-me, naquele momento, mais como um garoto de 13 anos que foi o único da turma a não ser convidado para a festa.

Mantendo o meu ar de autopiedade, respondi:

- Eu não fui convidado.

Houve uma pausa, e, então, minha esposa começou a gargalhar. Primeiro, fiquei magoado, mas, em seguida, comecei a rir também. A situação ficou clara para mim.

Voltei à reforma do banheiro e percebi que a vida é feita de mudanças. É para isso que eu tenho preparado meu filho, não somente para um jogo de golfe sem mim, mas também para a vida no mundo sem mim, com seus próprios tacos, com sua própria fé.

Deus estava remodelando meu filho: aumentando alguns espaços, colocando uma nova peça aqui e ali. O trabalho que Deus estava fazendo era infinitamente melhor do que o meu, pois eu sempre tentava cercá-lo de todos os lados, impedindo seu crescimento.

Eu, também, quando tinha a idade de Ryan, pegava minha bolsa de tacos, colocava nas costas e ia de bicicleta para o campo de golfe Marysville, que ficava a oito quilômetros de casa.

Lembro-me de que me sentia um adulto andando pelo campo à noite, vendo homens jogando pôquer. Também não queria que meu pai estivesse ali; aquilo era coisa de meninos, e meninos têm que crescer.

Voltei para meu projeto de reforma do banheiro. Algumas horas depois, ouvi Ryan entrar em casa e reclamar com a mãe que suas tacadas

não meteram a bola no buraco. Disse que as bolas se desviavam para a direita, e que o campo de golfe mais parecia um lago.

Veio me procurar, e ouvi o barulho que seu tênis encharcado fazia a cada passo que dava.

- Papai - disse - pingando de tanta água -, meu jogo foi podre.

Pode ir comigo da próxima vez? Preciso de ajuda.

Eu queria abraçá-lo, comemorar e gritar:

- Ainda sou útil! Obrigado, Deus, por deixar-me participar da obra de remodelagem dessa criança.

Mas, em vez disso, fiz um daqueles olhares de pai e, calmamente, disse:

- É claro, Ryan, a qualquer hora.